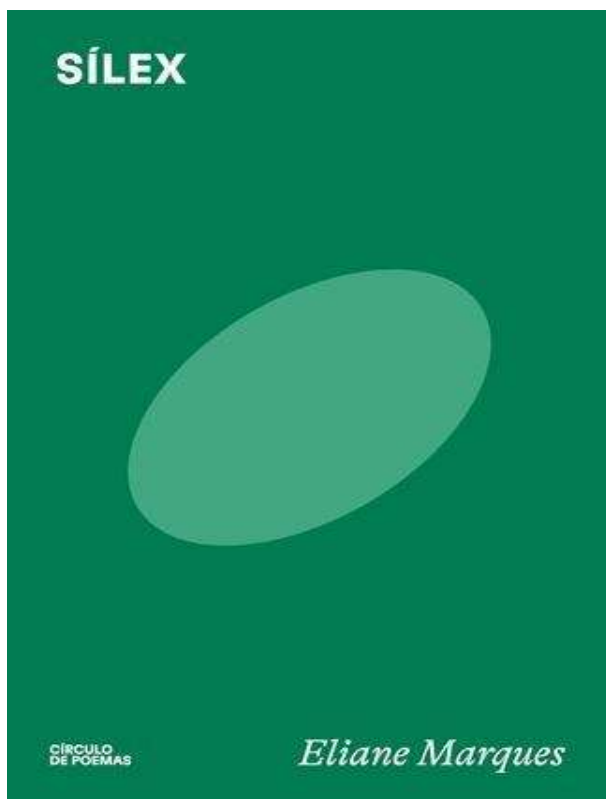


Sílex: a poesia como criação do mundo

Adriano Moura*



Sílex. Rocha dura, composta de sílica cristalizada, pardacenta, negra ou cinza. Minério utilizado pelos homínidos durante o Paleolítico para a fabricação de armas e ferramentas. *Sílex* (2025), livro de poemas da escritora brasileira Eliane Marques, autora do premiado romance *Louças de família*, apresenta uma poética que se ocupa mais da criação do que do dizer. Significar não é seu objetivo, mas consequência de possíveis efeitos receptivos sobre o leitor.

A poesia é a gênese de toda literatura, estando o termo, nesta resenha, empregado na mesma acepção de poema, embora não sejam sinônimos. Os primeiros textos, mesmo que ainda sem uma intencionalidade literária, nasceram do verso, principalmente em sua forma cantada e ritualística. Sílex, a pedra, encontra-se na gênese da

capacidade humana da criação de artefatos fundamentais para sua sobrevivência. *Sílex*, a poesia, traz a concretude manipulável da linguagem essencial para a arte da palavra.

A obra é dividida em três partes. Na parte 0, a autora apresenta ao leitor a serpente Qán, divindade maia criadora em um tempo anterior à invasão “civilizatória”. Nessa era, “qán”, escrita no livro com inicial minúscula como todas as palavras dos poemas, “descendendo ao submundo/carreia em sílex consigo/sob sua barriga tolteca/ a barrosa caligrafia/dos tempos” (MARQUES, 2025, p.12). Além de recuperar termos que se referem a culturas há tempos silenciadas, mas não apagadas, como maias e astecas, povos pré-colombianos, cuja arte se metamorfoseou nos escombros do tempo, Eliane Marques se utiliza de recursos poéticos e estilísticos que colocam o leitor numa era primeva de signos a serem criados. Seus neologismos são providos de significados referentes a esse momento em que a linguagem se criava mediante a ocorrência dos acontecimentos, como expressa no “medo tremundo/ de que o sol/desnascesse”(p.13).

O mundo é acessado por meio da linguagem, pois é ela que nos permite nomear os seres para que a eles possamos nos referir em sua ausência. A potência da poesia está na capacidade de não apenas nomear o existente, mas criar para o que já existe mais que um novo nome, outra razão de existir. Na parte 1, a linguagem-serpente prossegue seu percurso criador e criativo de imagens que desafiam o entendimento racional. A poesia é a mais surreal das artes:

uma águia
com o rabo bifurcado
silhueta tesoureira calonada
aluvião a plumagem das asas
sobre o entalhe da terra
calada

aquela que passeia com ela (em seu ombro)
jamais será deslembrada. (p.19).

Embora a personagem serpente que inicia a criação do mundo e do poema pertença à cultura da América pré-colombiana, transmuta-se, nas partes seguintes do livro, em “dan”, na versão da poeta, “a serpente plumosa”; na mitologia africana Jeje-Fon, divindade representativa de força e riqueza, “seus excrementos transformam grãos de milho em búzios” (p. 37), mas também da fertilidade feminina representada por “obinrin”, que “bebe leite/o leite da alvorada” (p. 37).

A autora já afirmou que escreve por não saber fazer tranças e transfere para a escrita essa habilidade, usando as palavras para trançar as linhas de sua literatura. *Sílex* é um dos resultados desse trançar gráfico, sonoro e imagético que produz um emaranhado poético que exige que se destrame cada arranjo de verso. A poesia convida o leitor à leitura em voz alta, tamanha a musicalidade dos signos, ao mesmo tempo que o conduz à criação de um universo novo, tecido pela serpente que trama as tranças do mundo no percurso da América e África.

A trama trançada por Eliane Marques denota a origem híbrida desse sujeito que fala de um continente e tem sua ancestralidade originada de outro, personagem que não se enuncia na primeira pessoa, pois seu foco é o universo criado por sua poesia. *Sílex* recupera um fazer poético cada vez mais abandonado nesse tempo, que peca pelo excesso de dizer. Trata-se de uma poesia cuja linguagem opaca, em vez de esconder, sugere e permite àqueles que leem também a criação de uma trama própria. A autora cria uma poesia que nunca deixará de expressar a que veio justamente porque sua poética está no não dito.

difícil imaginar que tudo
foi comido
vez que a língua continua lambendo
continua lambendo (p. 59)

A língua da serpente continua lambendo, pois há muito a ser criado. Esse processo criativo só é possível a autores que, assim como já afirmara Friedrich Nietzsche, percebem o próprio mundo como um fenômeno estético e um devir. Eliane Marques presenteia seus leitores com uma poesia que se escreve a cada leitura, pois “uma caçadora jamais abandona os venenos” (p. 61).

Campos dos Goytacazes, maio de 2025.

Referências

MARQUES, Eliane *Sílex*. São Paulo: Círculo de Poemas, 2005.

* Adriano Moura é professor de Língua Portuguesa e Literatura, poeta e autor teatral, doutor em Estudos Literários (UFJF), mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense. Atua na graduação e pós-graduação do IFF. Tem quatro livros publicados: *Liquidificador, poesia para vida mina* (7 Letras/Imprimatur, 2007), o romance *O julgamento de Lúcifer* (Novo Século, 2013) e *Todo Verso Merece Um Dedo De Prosa* (Chiado, 2016), *Invisíveis* (Patuá, 2020), *A inocência dos mortos* (Patuá, 2025). É membro da Academia Campista de Letras. Como dramaturgo escreveu as peças teatrais: “Relatos de professores”, “Meu querido diário”, “A Matrioska” (Premiada no Concurso Nacional de Dramaturgia da Fetaerj).